



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS

**Os sentidos da colonização no conto “MY FATHER, THE
ENGLISHMAN AND I”, de Naruddin Farah.**

Trabalho de Conclusão de Curso

MARIA BEATRIZ RAMOS TEIXEIRA



São Cristóvão - Sergipe

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS

Maria Beatriz Ramos Teixeira

**OS SENTIDOS DA COLONIZAÇÃO NO CONTO “MY FATHER, THE
ENGLISHMAN AND I”, DE NARUDDIN FARAH.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Departamento de Letras Estrangeiras da
Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Luiz Eduardo Oliveira



São Cristóvão - Sergipe
2023

AGRADECIMENTOS

À minha vó, minha mãe e meus irmãos, que me incentivaram nos momentos difíceis, nos meus estudos e nunca desistiram de mim.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho. Principalmente, Vitória Maria, que me ajudou com seu grande conhecimento em geografia e pesquisas. À Michelly Alcântara, que apesar de todos esses anos continua sendo uma amiga muito dedicada e esforçada, e que nas horas vagas também é corretora de TCC. À Letícia Maria, que se tornou minha dupla desde o primeiro período da faculdade e, daí em diante, nos tornamos inseparáveis.

E por último, Silvia Ester, que foi meu Clyde desde a pandemia, eu não teria sobrevivido os finais períodos sem seu companheirismo.

Ao professor Luiz Eduardo, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e profissionalismo.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

À universidade Federal de Sergipe, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

SUMÁRIO

RESUMO	5
1 . INTRODUÇÃO	6
2. LITERATURA AFRICANA E TEORIA PÓS-COLONIAL	7
3. HISTÓRIA POLÍTICA, CULTURAL E LITERÁRIA DA SOMÁLIA	9
4. ANÁLISE DO CONTO	14
5. CONCLUSÃO	16
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

RESUMO

Este trabalho pretende identificar e analisar os elementos textuais que nos remetem aos sentidos da colonização no conto “My father, the Englishman and I”, de Naruddin Farah. Para tanto, faremos uso de alguns pressupostos teóricos dos estudos culturais e da teoria pós-colonial (Hall, 2005; 2006; Bhabha, 1998; 2006), bem como da historiografia literária, política e cultural da Somália e seus diálogos, rejeições e relações com o cânone da literatura de língua inglesa.

Palavras-chave: Estudos pós-coloniais, Literatura africana de língua inglesa, Naruddin Farah, Somália.

THE MEANINGS OF COLONIZATION IN THE SHORT STORY “MY FATHER, THE ENGLISHMAN AND I”, BY NARUDDIN FARAH.

ABSTRACT

This work aims to identify and analyze the textual elements that take us to the meanings of colonization in the short story “My father, the Englishman and I”, by Naruddin Farah. To this end, we will make use of some theoretical assumptions from cultural studies and post-colonial theory (Hall, 2005; 2006; Bhabha, 1998; 2006), as well as the literary, political and cultural historiography of Somalia and its dialogues, rejections and relationships with the canon of English-language literature.

Keywords: Postcolonial studies, English-language African literature, Naruddin Farah, Somalia.

1 . INTRODUÇÃO

O conto "My Father, the Englishman, and I" de Naruddin Farah, é uma história profunda e pessoal das complexidades da identidade cultural e do impacto das raízes familiares em um mundo globalizado.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é identificar e analisar a colonização no conto e como afetou aquele espaço e aquelas pessoas. E para atingir esse objetivo, este estudo baseia-se em um referencial teórico e historiográfico sólido, explorando as obras de autores como Stuart Hall, Homi Bhabha, que discutem questões de identidade, pertencimento e nacionalismo em um contexto pós-colonial. Além disso, mesmo com a falta de artigos sobre literatura africana e a literatura da Somália, este trabalho incorpora elementos da história oral e da pesquisa genealógica para dar vida às experiências do protagonista e oferecer uma visão única das relações entre identidade, cultura e história.

2. LITERATURA AFRICANA E TEORIA PÓS-COLONIAL

A literatura africana pode ser dividida em três categorias: a literatura pré-colonial, a literatura colonial e a literatura pós-colonial. A literatura africana não era apenas escrita, mas também oral antes do período colonial. Os africanos contavam suas histórias através da oralidade e de performances, e, às vezes, usavam a música para descrever essas histórias. A partir do período colonial, os escritores africanos começaram a escrever em línguas europeias, como o inglês, o português e o francês. Suas histórias abordavam temas semelhantes, como a denúncia da colonização europeia nos países africanos, a grandeza do seu passado africano antes da invasão dos países europeus e a esperança de independência na África.; o objetivo das suas obras era retratar a sua experiência em uma linguagem que os opressores pudessem compreender. Já a literatura pós-colonial, em geral, aborda temas como a luta pela independência, a construção de identidades nacionais, o conflito entre o passado e o presente, a tradição e a modernidade, a comunidade, a política e o desenvolvimento.

Muitas novels pós-coloniais, também tinham o intuito de expor o governo corrupto, como aconteceu na década de 60 e 70, com a qual a euforia do início de 1960 abriu caminho a uma literatura que demonstrava desilusão extrema em relação aos governos corruptos que desfiguraram a África. Alguns autores como Beti, Sembene, Chinua Achebe e Ngugi wa Thiong'o eram muito conhecidos por criticar a disseminação da colonização europeia em seus países e pela imposição dos seus costumes/religiões em cima das culturas existentes (Chennells, Anthony; 1999).

A partir disso, percebe-se que o termo “pós-colonial”, segundo Halls (1998; 2006), apud (Oliveira; Santos; 2019) “está carregado de paradoxos e complexidades, numa perspectiva pós-colonial, a colonização é marcada pela transição da ocupação colonial direta para a independência e a formação de novos Estados-nação.” Ela é marcada pelos efeitos persistentes da colonização, bem como pela mudança do colonizador/colonizado para uma dinâmica mais interna dentro da sociedade descolonizada (Oliveira; Santos; 2019).

Segundo Oliveira e Santos, “acadêmicos como Homi Bhabha (1994) destacaram a prevalência do hibridismo, do sincretismo e de várias formas de tradução e transculturação no relacionamento colonial, mesmo desde os seus

estágios iniciais.” Segundo Hulme (1995), citado por esses mesmo autores, esta perspectiva sugere que “pós” em “pós-colonial” tem uma dimensão dupla: uma dimensão temporal, representando a mudança histórica da colônia para um estado pós-colonial, e uma dimensão crítica, refletindo a emergência da teoria pós-colonial através da crítica do discurso existente e teorias (Oliveira; Santos; 2019).

Todavia, há evidências de que a teoria pós-colonial pode, sem dúvida, servir aos interesses do capitalismo global. Esta crítica enfatiza a ideia de que o rompimento do paradigma colonial pode ter consequências inesperadas, o que leva a muitos teóricos pós-coloniais a se depararem com a complexa relação entre poder, conhecimento e desejo (Oliveira; Santos; 2019). E também, como o impacto do colonialismo não se limita aos territórios anteriormente colonizados, o que ajuda a explicar o motivo pelo qual algumas nações conseguiram descolonizar através de métodos menos violentos em comparação com outras (Oliveira; Santos; 2019).

Em conclusão, o conceito de “pós-colonial” é marcado por paradoxos intrincados e transformações dinâmicas, abrangendo questões de identidade, poder e ideologia que vão além do simples fim do domínio colonial, representa uma ruptura crítica em toda a narrativa historiográfica ocidental e também um capitalismo tardio. É um campo de estudo multidimensional e em evolução que investiga o legado da colonização e os seus complexos efeitos nas sociedades e nos indivíduos.

3. HISTÓRIA POLÍTICA, CULTURAL E LITERÁRIA DA SOMÁLIA

A República Democrática Somália é um país da África oriental e tem como língua oficial o Somali, como também o italiano, inglês e o árabe que são usadas como segunda língua. A Somália tem um longo histórico de guerras e reivindicações, sendo marcada por uma série de reinos e impérios que floresceram na região. (infoescola) Um dos mais notáveis foi o Reino de Axum, que dominou partes da região do Corno de África por volta do século 1 d.C., e a partir do século 7 d.C. o Islã começou a ganhar influência na região o que resultou no surgimento de diversos sultanatos islâmicos, como o Sultanato de Adal (Infoescola; 2011).

No século 19, a Somália foi colonizada por potências europeias e a região foi dividida entre a França, a Grã-Bretanha, a Itália e a Etiópia e foi-se criada a Somalilândia Britânica, a Somalilândia Italiana, Ogaden, Distritos Britânicos da Fronteira do Norte e Somalilândia Francesa (Reniker, 2004). Entre 1858 à 1900, todos esses países tinham fortes interesses econômicos na área; os Somalis divididos resistiram profundamente aos europeus e as suas regiões divididas por eles (Reniker, 2004). Fazendo com que a Grã-Bretanha levasse suas tropas indianas para controlar a revolta que ocorreu, perpetrando assim, uma luta sangüinária de ambos os lados e não só foi usada a violência física, mas, também, a Grã-Bretanha usou aviões de guerra para bombardear Somalis, enfraquecendo, assim, sua resistência nas regiões (Reniker, 2004). As adversidades entre a Grã-Bretanha e a Somália não pararam por aí. Os britânicos fizeram um tratado com a Etiópia em 1897, doando 25.000 milhas quadradas de Ogaden para a Etiópia, que era um território ocupado pelos pastores Somalis mulçumanos desde o século 16 para fazer seu gado. Segundo Ibid, apud Rediker (2004, pg.207):

Pastores somalis foram empurrados para fora da terra e forçados a trabalhar nas novas fazendas de gado britânicas. A iniciativa britânica não ajudou em nada o povo somali. O gado criado foi enviado para a Índia, para fornecer aos soldados britânicos comida. A carne foi enviada para a Índia através da base britânica em Berbera, no Golfo de Aden. Os britânicos essencialmente destruíram os meios de subsistência de muitos pastores somalis, a fim de apoiar o seu domínio na Índia, uma relação que expressava a natureza do seu império.

Os Britânicos modificaram toda a estrutura, cultura, independência e trabalho dos povos nativos, os tornaram escravos, e tanto os britânicos como os italianos, fizeram o povo Somali trabalhar pela necessidade deles, assim como incentivaram os povos de regiões diferentes a se tornarem rivais. “Eles provocaram clãs à guerra uns aos outros e alimentou o massacre ao fornecer armamento moderno europeu. O colonialismo fortaleceu a identificação dos clãs e intensificou o antagonismo entre os clãs” (REDIKER, 2004, pg. 207). Vimos, então, que esses comportamentos duraram séculos e que se perpetua até os dias atuais, uma vez que a Somália ainda continua sendo um país dividido, desordenado e com bastante conflitos (Reniker, 2004).

Depois desses acontecimentos, Reniker (2004) argumenta que a Grã-Bretanha continuou em atrito com a Itália, por conta do contexto da guerra mundial, e assim, conseguiu invadir o território italiano da Somália, reconquistando, assim, a região de Ogaden que pertencia à Itália. “A Grã-Bretanha então uniu quatro das cinco regiões que compunham a Grande Somália: Somalilândia Britânica, Somalilândia Italiana, Distritos da Fronteira do Norte e Ogaden. A Grã-Bretanha controlou essas regiões de 1940 a 1950.” (REDIKER, 2004, pg. 208). No final da década de 1950, a Grã-Bretanha cessou sua ligação com a Somália e deixou um pedaço da Somália ocidental para a Etiópia, atitude criticada por rebeldes revolucionários que se intitulavam como ‘Somali Youth League’ irritando o governo da Etiópia daquela época que fez um discurso colonial em relação à Somália (Reniker, 2004). Mesmo que a Etiópia não tenha sido colonizada, o país em questão foi claramente usado por países europeus e por grandes potências durante as guerras, e por isso foi muito influenciada pelas condutas dos europeus em relação aos interesses e privilégios que esses países e potências conseguiram com discursos e o uso da violência (Reniker, 2004).

A independência da Somália foi alcançada em 1960, quando a Somalilândia Britânica e a Somalilândia Italiana se uniram para formar a República da Somália. Depois da independência, a Somália teve seu primeiro presidente que governou até o ano de 1977, até que o cargo foi passado de forma democrática ao Aden Abdullah, que foi assassinado por causa de um golpe de estado, derrubando, assim, o primeiro-ministro (Reniker, 2004). O comandante do exército assumiu o poder, aboliu a constituição e mandou assassinar oposições políticas; o governo de Siad Barre foi marcado pela centralização dele como figura importante e pelo nacionalismo e em 1977 a Somália invadiu a Etiópia como justificativa de que aquele

território lhe pertencia (Reniker, 2004; Vogel, 2023). Por conta disso, com a ajuda da União Soviética e de Cuba, que foram importantes aliados da Somália, e para a história dessas duas regiões, sucedeu a guerra em 1977 na região de Ogaden (Reniker, 2004; Vogel, 2023).

Os autores Silva e Silva (2017), argumentam, afirmando, que a URSS e os EUA estavam em um momento de guerra e naquele contexto histórico ter territórios ao seu favor era uma ótima estratégia de recursos; dito isso, ter uma parte do Chifre Africano era uma geoestratégica poderosa, pois era local de importância comercial, e também, uma forma para confrontar a presença dos Estados Unidos na região, tanto na Etiópia quanto na base de Diego Garcia no meio do Oceano Índico. Segundo, Souza da Silva; Andreoli da Silva (2017, pg.117) "... o fator que inseriu concretamente a União Soviética foi a troca de regime na Somália em 1969, possibilitando a formulação de uma aliança econômica e estratégica para contrabalancear a presença norte-americana na região".

A União Soviética chegou a fazer um tratado de amizade e cooperação com a Somália, no entanto, não durou muito tempo por motivos de interesse de Moscou com a Etiópia e a 'traição' da Somália contra a URSS (Silva e Silva, 2017). Os três anos de tratado foram destruídos pela invasão da Somália à Etiópia sem o consenso da URSS e pela aproximação da Somália com os Estados Unidos. Segundo AYOOB (1978), apud Silva; Silva (2017, p. 118) "Em 1976, dessa forma, o país acabou se tornando um membro da Liga Árabe e se aproximando da Arábia Saudita, principal aliada norte-americana no Oriente Médio, recebendo da mesma significativa auxílio financeiro". Em 1977, A Somália declarou guerra à Etiópia e os Estados Unidos os apoiaram desde o começo do conflito; a reviravolta na história se deu justamente devido a troca de apoio das grandes potências pelas regiões (Silva e Silva, 2017).

A Etiópia levou a vitória na guerra em 1978 e a Somália continuou passando por vários conflitos internos, como a instabilidade, desvios de dinheiros e os assassinatos do que ocorreu no governo Barre (Vogel, 2023). E em 1986, quando ele teve que se ausentar por motivos de saúde, os aliados, políticos e grupos que estavam insatisfeitos com o referido governo, por conta da perda da guerra, planejaram a derrubada de Barre do poder, com a qual não foi sucedido. Mas, apesar disso, em vez de Barre ceder aos pedidos de abdicar do poder, ele fugiu do país dentro de um tanque para o Quênia, culminando em uma guerra civil no país; um atrito entre os grupos para quem iria governar o país no lugar dele (Vogel, 2023).

Em 1992, os EUA tentaram intervir para fornecer ajuda humanitária, mas não foi possível por causa das situações sociais e políticas do país, consequentemente, na ausência de um governo central eficaz, várias milícias islâmicas começaram a ganhar influência, com destaque no grupo da 'União dos Tribunais Islâmicos' (UTI) (Vogel, 2023). A UTI conseguiu assumir o controle de grande parte do sul da Somália, antes de serem expulsos por uma invasão militar etíope em 2006, com o apoio dos Estados Unidos; após a retirada da UTI, o grupo extremista Al-Shabaab emergiu como uma poderosa força insurgente na Somália (Vogel, 2023). Eles dispõem de ligações com a Al-Qaeda (que possui atuação até os dias atuais) e adotaram uma ideologia radical islâmica; Al-Shabaab conseguiu controlar vastas áreas do sul e do centro da Somália, impondo sua interpretação rigorosa da lei islâmica (sharia) e realizando ataques terroristas não apenas dentro do país, mas também em nações vizinhas, como Quênia e Uganda (Vogel, 2023).

Sobre a literatura no país, durante o período colonial, a literatura na Somália experimentou mudanças significativas devido à influência dos colonizadores europeus, principalmente dos italianos no sul e dos britânicos no norte. A literatura desse período refletiu não apenas as realidades políticas e sociais da colonização, como também as resistências culturais e os esforços de preservação da identidade somali (Andrzejewski, 1985). Durante esse período, as potências europeias estabeleceram sistemas de educação que muitas vezes visavam assimilar os somalis à cultura e à língua dos colonizadores, isso incluía o ensino de línguas europeias e a promoção de literatura e ideais ocidentais. No entanto, os somalis também usaram esses sistemas educacionais para promover sua própria língua e cultura. Houve, também, um aumento na produção de poesia, prosa e drama escritos em língua somali, muitos desses trabalhos eram influenciados por tradições culturais somalis, mas também refletiam questões contemporâneas e preocupações políticas, como resistência à colonização, patriotismo e identidade nacional (Andrzejewski, 1985). Os autores também enfrentaram vários desafios, incluindo censura e restrições à liberdade de expressão por parte das autoridades coloniais, muitos deles encontraram maneiras criativas de contornar essas restrições, usando metáforas e símbolos para transmitir suas mensagens de forma subversiva (Andrzejewski, 1985).

O autor Andrzejewski (1985), argumenta sobre a existência de quatro períodos da era da literatura oral Somali, são elas: A era de ouro (período

pré-colonial); a era do fogo e das brasas (1899-1944); a era do alaúde (1944-1969); e a nova era (a partir de 1969). A era de Ouro (período pré-colonial) foi considerada como a época de ouro da literatura oral somali, antes da influência colonial; durante esse tempo, as tradições orais eram proeminentes na transmissão de histórias, mitos, lendas, poesias e sabedoria cultural de geração em geração; a sociedade era predominantemente baseada em estruturas tribais e clãs, e a literatura desempenhava um papel essencial na preservação da identidade cultural e na coesão social (Andrzejewski, 1985). Já na era do fogo e das brasas (1899-1944) o período coincidiu com a colonização italiana e britânica da Somália. Durante esse tempo, houve mudanças significativas na sociedade somali devido à influência colonial, como a introdução de novos sistemas políticos, econômicos e educacionais; a literatura oral foi desafiada e, em alguns casos, suprimida pelas autoridades coloniais, levando a uma diminuição na transmissão de tradições orais (Andrzejewski, 1985). A era do alaúde (1944-1969) foi marcada pelo retorno e ressurgimento da literatura oral somali após o fim do domínio colonial; com a independência da Somália em 1960, houve um renovado interesse na cultura e identidade somalis, incluindo a revitalização da literatura oral (Andrzejewski, 1985). O alaúde, um instrumento musical tradicional, simboliza esse renascimento cultural, onde a música e a poesia desempenharam um papel central na expressão cultural (Andrzejewski, 1985). E por último, a nova era (a partir de 1969), foi um período que se iniciou com o golpe de Estado que estabeleceu o regime socialista de Siad Barre na Somália. Sob o regime de Barre, houve uma tentativa de promover uma literatura nacionalista e socialista, com o Estado desempenhando um papel significativo na produção e promoção da literatura; no entanto, esse período também foi marcado por conflitos internos, guerra civil e instabilidade política, o que influenciou a produção e disseminação da literatura oral (Andrzejewski, 1985; Vogel, 2023).

Portanto, a cada período, é possível observar as flutuações nas condições sociais, políticas e culturais da Somália, bem como sua influência na criação, disseminação e recepção da literatura oral.

4. ANÁLISE DO CONTO

Tendo em vista os aspectos mencionados no conto, e as análises já citadas anteriormente, em 1948, sob a pressão dos aliados da Segunda Guerra Mundial, os britânicos entregaram o Haud e o Ogaden para a Etiópia, de acordo com um tratado assinado em 1897, em troca de sua ajuda contra os ataques por clãs da região. A Grã-Bretanha incluiu a condição de que os habitantes do território do Reino Unido manteriam a sua autonomia, mas a Etiópia logo manifestou a sua reivindicação de soberania sobre a área. A insatisfação com a decisão de 1948 conduziu a uma guerra entre os clãs e a uma repetida tentativa por parte da Somália de reunificar a região de Ogaden com os outros territórios da região em uma Grande Somália (Reniker, 2004.)

No conto, é possível ver que na reunião, por mediação do pai do protagonista, houve um tratado importante para a história desses dois países e suas regiões e como isso não afetou apenas a economia e cultura daquele país, mas, como pelo ponto de vista do menino, é possível enxergar o que a colonização pode fazer e como pode mudar o olhar de uma criança. Nessa idade, uma criança que não passou por vivências traumáticas, normalmente, não se culparia por algo que não foi sua culpa, ela não iria observar, cautelosamente, os comportamentos das pessoas a sua volta; não tentaria filtrar sua fala e nem pisar em ovos ao redor delas. Uma criança que não vive no meio de um caos, iria agir apenas como uma criança normal. E não é isso que podemos observar no conto. Além das guerras e lutas que os países enfrentavam nessa época, o personagem também estava testemunhando crises no casamento de seus pais e em como ele se identificava com o discurso de seu irmão quando ele comentou da violência que o pai dele cometia. Ele cresceu se culpando por acontecimentos que não poderiam ser mudados, nem por ele, nem por sua mãe e nem mesmo por seu pai. Quando nós vemos a história da colonização da Somália, podemos observar que seu pai, que era intérprete, não tinha muita escolha a não ser fazer seu trabalho, talvez por sobrevivência, levar o sustento para sua família ou até mesmo obrigação, por ele saber traduzir o somali para o suáli (língua falada no sul da Etiópia), conhecimento importantíssimo para o decorrer do tratado.

O garoto se culpa, mas se ele tivesse participado da última reunião que ocorreu o tratado, os eventos da história do país teriam sido os mesmos, pois o passado de

violência física, verbal e tomada de terras já vinham de séculos passados com a colonização.

Essa reflexão também pode ser vista na vida do autor Naruddin Farah, crescido na Itália Somalilândia, ele se tornou um dos romancistas modernos mais conhecidos do continente africano e o mais famoso da Somália, em seus trabalhos ele conseguiu demonstrar um nacionalismo sobre o país ao mesmo tempo em que criticava a colonização e a pós colonização. Ele demonstrava sua insatisfação às consequências dos atos dos colonizadores em suas obras como: *Sweet and Sour Milk* e *Sardines*, por exemplo. Naruddin por ter vivenciado os efeitos da colonização sabe por experiência como é ter sua juventude roubada por outros, sua liberdade e seus costumes. Segundo Lars, no livro “*Under African Skies: Modern African Stories*” Farah diz em um ensaio intitulado “*Infância da minha esquizofrenia*”, publicado no *The Times Suplemento Literário* em 1990, que:

“A infância colonial como a minha é descontínua: a criança não cresce nem como uma réplica dos seus pais, nem do governante colonial. Eu comentei sobre a ausência do meu povo na lista de chamada da história tal como nos ensinaram, a ponto de invejarmos os nossos vizinhos etíopes, quenianos e árabes, a menção passageira que lhes é feita nos livros didáticos que estudou na escola. Foi com isto em mente que comecei a escrever – na esperança de permitir que a criança somali, pelo menos para caracterizar sua alteridade - e apontar para si mesma como o outro sem nome, o outro dividido, uma criança esquizofrênica vivendo na era da contradição colonial.”

Farah começou a escrever não só para criticar ou denunciar a Somália pós-colônia, mas também para incentivar jovens somalis a terem voz e inspirarem-se. Em *The Southerner*, a autora Katie Jerome, menciona uma fala poderosa sobre o autor; Farah conta que desejava escrever livros para que pudesse encontrar lembranças nos textos e que gostaria de escrever sobre as injustiças contra as mulheres e as crianças, para lembrar às pessoas que sociedades sem respeito ou igualdade tendem ao desastre (*The Southerner*, 2010).

5. CONCLUSÃO

A instabilidade política é uma característica constante da Somália pós-colonial, com golpes militares, conflitos entre clãs e desafios humanitários constantes, como a escassez de alimentos, o aumento do número de deslocados internos em massa e a falta de acesso a serviços básicos, como saúde e educação. A colonização trouxe consigo décadas de roubo de terras, imposição de outros costumes e religiões, exploração econômica, desestruturação das sociedades tradicionais, controle social, conflitos e instabilidade. Sem esquecer também da luta dos escritores somalis, que foram calados, mas tentaram resistir usando suas obras para criticar o que estava acontecendo em seu país. A Somália foi, por muitos séculos, um país dominado por nações de primeiro mundo e apesar da retirada desses países colonizadores, a Somália não superou as décadas de sofrimento e roubo de sua liberdade.

Por esse motivo, que Halls (2005; 2006) apud (Oliveira; Santos; 2019), argumenta que o termo “pós-colonial” é assombrado, pois nem todos os países colonizados enfrentaram os mesmos obstáculos, muitos deles superaram as dificuldades e, em alguns casos, conseguiram se tornar países de primeiro mundo. No entanto, alguns ainda sofrem com o passado, como é o caso da Somália, que ainda está dividida e tem o governo limitado a algumas regiões.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRZEJEWSKI, B.W. Somali literature. **Warszawa: Wiedza Powszechna State Publishing House**, p. 337-407, 1985. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2307/1528>. Acesso em: 28 mar. 2024.

CHENNELLS, Anthony. Essential diversity: post-colonial theory and African literature. **Brno Studies In English**, Masaryk University, v. 25, n. 1, p. 109-126, 1999. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11222.digilib/104498>. Acesso em: 07 abr. 2024

DA SILVA, L. A.; DA SOUZA SILVA, J. V. M. A atuação da URSS no conflito entre Etiópia e Somália e os impactos na Guerra Fria. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, v. 10, n. 19, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/83791>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Jerome, K. **The Southerner**, 2010. Author Nuruddin Farah gives insight on his book to students, The Southerner. Disponível em: <https://www.shsoutherner.net/news/2010/11/09/author-nurridin-farah-gives-insight-on-his-book-to-students/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

Larson, C. "My father, the Englishman, and I," Under African Skies: Modern African Stories. Payback Press, 1997. Disponível em: <https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/EJC111773>. Acesso em: 07 abr. 2024.

Oliveira, L. E., dos Santos, J. A. B. THE TERM "POST-COLONIAL." Em Ufs.br. **Portal Cesad**, 2019. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalago/16331223052019Literatura_de_Lingua_Inglesa_VI_-_Aula_03.pdf. Acesso em: 07 abr. 2024.

Rediker, E. THE OGADEN: A MICROCOSM OF GLOBAL CONFLICT, 2004.

Psu.edu. Disponível em:

<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=74b5c112c323606e8d6c0c10701a903bb683b1d7>. Acesso em: 29 mar. 2024.

Somália, **InfoEscola**, 2011. Disponível em:

<https://www.infoescola.com/africa/somalia/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

VOGEL, Vitor. A história da Somália. YouTube, 21 de setembro de 2023. 25min33s.

Disponível em: <https://youtu.be/ncJALGcSNQc?si=jyLm5r9XEHG2n9Gd>. Acesso em: 07 abr. 2024.